

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS SECUNDÁRIAS NA CONTEMPORANEIDADE

Anabelle Evangelista Claudino SILVA – Centro Universitário Assis Gurgacz¹

Adriana da Silva BOEIRA – Centro Universitário Assis Gurgacz²

RESUMO: A presente proposta de estudo visa discutir acerca das implicações causadas pelas lacunas presentes na formação do professor de línguas secundárias e de que forma isso colabora para que o aprendizado dessas línguas não seja satisfatório, prejudicando o desempenho docente e sua atuação em sala de aula. O principal argumento é de que a noção de conhecimento atualmente em uso na área de formação de docentes requer revisões, ampliações e reorientações em seu propósito, objetivando uma educação mais eficaz e realista. Desse modo, almeja ainda auxiliar para as argumentações sobre a formação do professor de línguas e a construção de seu conhecimento no âmbito do curso de graduação em Letras. Para a realização deste trabalho, será utilizada a modalidade de pesquisa bibliográfica, com a finalidade de analisar os motivos que levam professores a não estarem totalmente preparados para ministrarem aulas adequadas, partindo de uma revisão de documentos, como livros e artigos, compostos por diversos autores e profissionais da área. Para isso, a pesquisa será baseada em estudos de autores como Vilson Leffa (2016), Cláudia Jotto Kawachi-Furlan (2020), Elzimar Costa (2012), entre outros pensadores que desenvolvam pesquisas na área.

PALAVRAS-CHAVE: formação; professor; línguas.

1 INTRODUÇÃO

Para o educador Rubem Alves (1933), a função de um professor é instigar o estudante a ter gosto e vontade de aprender, de abraçar o conhecimento. O objetivo do professor não é mais apenas ensinar matérias e conteúdos, pois qualquer informação hoje é e pode ser encontrada na internet, mas sim, instigar o aluno a pensar e criar nele a curiosidade de aprender coisas novas.

Diante desse pensamento, ainda se percebe que na sala de aula, grande parte dos professores segue uma metodologia antiquada, em que o conteúdo é apenas transmitido para o aluno, sem provocar o interesse do mesmo por buscar mais conhecimento e ser mais proativo para o seu crescimento e desenvolvimento pessoal.

¹ Acadêmica Anabelle Evangelista Claudino silva do curso de graduação Letras-Português/Inglês, Centro Universitário Assis Gurgacz. 7º período. E-mail: anabellesilva121@gmail.com

² Especialista em Língua Portuguesa, Estudos Linguísticos e Literários, Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: adrianasilva@fag.edu.br

Certamente, o docente e, em especial, o de línguas, deve ter domínio do conteúdo a ser ensinado e passá-lo para seus aprendizes, assim como foi mencionado pela linguista e professora da Unicamp, Roxane Rojo, que participou do 1º Seminário Nacional da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, na conferência “Desafios para a formação de professores de língua portuguesa hoje” e de acordo com a CNE (Conselho Nacional de Educação), um professor deve ser formado para saber lidar com a realidade dos aprendizes, ser ensinado não apenas o conteúdo gramatical e lexical em si, mas também realizar atividades que propiciem enriquecimento cultural e geral desse profissional.

Desse modo, para que o educador consiga mediar para seus alunos o conhecimento e por fim, que o ele seja formado como um investigador, ou seja, como alguém autônomo que busca soluções para sua própria prática e suas próprias questões e apto para lidar com o uso de novas tecnologias de informação e de comunicação. Logo, a formação do professor deve garantir as competências necessárias em prol de sua atuação profissional, sendo elas a de investigador, flexível, mediador, autônomo dentre outras várias.

Entretanto, grande parte dos educadores, recém-formados ou não, até agora demonstram uma certa carência dessas competências. Continuam acontecendo aulas expositivas, com alunos dispersos e desinteressados em sala de aula, e profissionais despreparados para ministrar suas aulas com uma pedagogia adequada, domínio de conteúdo e flexibilidade para lidar em diversos contextos. Por conseguinte, o presente artigo busca estudar e analisar os fatores condicionantes que levam ao despreparo do profissional de ensino de línguas, não só no início de sua trajetória, bem como durante todo seu percurso acadêmico.

2 FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUAS: TECNOLOGIAS, PRÁTICAS E ASPECTOS GERAIS

A formação de professores na atualidade enfrenta os desafios impulsionados pela globalização e suas linguagens e tecnologias. Tendo em vista questões como diversidade cultural e linguística, inserção das novas tecnologias, novas práticas de

linguagem e outros letramentos, e possibilidade de formação voltada para a cidadania e inclusão social, o professor de línguas deve estar cada vez mais preparado para atuar nesse contexto. Desta forma, esse professor depara-se com novos desafios na sua história de aprendizagem e de ensino, na sua própria formação como educador.

De acordo com Lacerda (2020), quando se estuda e analisa o ensino e aprendizagem de línguas, é preciso que sejam considerados os variados contextos, bem como alguns dos vários aspectos que compõem a complexidade do ensino e da aprendizagem de línguas tais como, a influência das tecnologias digitais da informação e comunicação nos contextos de formação e de atuação de futuros professores; e a formação inicial de professores ainda na universidade, passando por práticas que, muitas vezes, são descontextualizadas e não contemplam as mudanças na sociedade.

Assim sendo, a preparação e formação de futuros professores de línguas não se resume apenas em prepará-los para dominarem as matérias a serem ensinadas, no caso inglês e português”, mas envolvê-los em tudo o que os permeiam, sendo hoje em dia, as novas tecnologias e os diferentes contextos que com elas vieram. Ademais, vale ressaltar que o professor deve estar tão atualizado quanto à sociedade ao seu redor, e por isso, durante sua formação é importante que a academia esteja preparada para formar professores que saibam lidar com as mudanças que são cada vez mais frequentes e corriqueiras, preparando um profissional capacitado para lidar com diversos contextos e situações.

É possível observar que várias academias de Letras têm mostrado interesse e uma grande busca por conhecimento sobre o atual cenário digital e globalizado em que vivemos, a fim de proporcionar uma formação e preparação mais rebuscada para os futuros professores. Por mais que haja essa tendência de levar em conta as tecnologias e a busca de torná-las mais presentes na formação do professor e em sala de aula, por hora se percebe que muito permanece na teoria, levando a uma indispensabilidade de “discutir sobre a necessidade de uma reconfiguração da formação de professores, no âmbito das licenciaturas, considerando o evidente esgotamento da alternativa tradicional de ensinar/aprender” (IALAGO; DURAN, 2008, p. 58).

Volpi (2001) destaca que a responsabilidade com a formação do professor deve ser da universidade, visto que esta é a instituição capaz de fornecer uma formação concreta que se adapte às necessidades de atuação dos docentes, permitindo uma integração entre teoria e prática e fornecendo subsídios para executar a docência com segurança e competência. Portanto, cabe a universidade inserir o futuro professor no contexto em que a sociedade se encontra, a fim de direcioná-lo e orientá-lo de como agir em diferentes situações e realidades e também no meio tecnológico, do qual vem mudando a maneira do professor trabalhar e dos alunos aprenderem.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2008), é urgente a mudança na formação do professor em relação ao uso das novas tecnologias, o que vem confirmar a relevância da mudança curricular nos cursos de formação desse profissional, visando à adoção de postura questionadora e problematizadora da sua prática, para que atenda melhor às necessidades da sociedade, do país (BORBA, 2012).

Todavia, se percebe que algumas academias permanecem dando continuidade a uma metodologia antiquada, desconsiderando os novos contextos sociais e tecnológicos, e considerando apenas o ensino da linguística em si e dessa forma “não se coloca as consequências de uma formação fragmentária e precária de um professor para uma sociedade tão complexa, para uma atuação tão complexa [...] e que não é valorizada devidamente” (GATTI, 2003, p. 475).

Isso nos leva a refletir também que um dos motivos que leva a formação precária do futuro professor de línguas é o descontentamento dos próprios mediadores, que estão lá para passarem conhecimento e prepararem esses profissionais, por se sentirem desvalorizados, levando à um círculo vicioso do qual o professor apenas faz o mínimo do que precisa ser feito em sala de aula, que é passar o conteúdo para o aprendiz, sem se preocupar com a contexto e a diversidade daquele que está ali para aprender.

Nas palavras de Oliveira (2014, p 33):

Vivemos em uma sociedade composta de indivíduos heterogêneos, contraditórios, híbridos, imersos nas condições capitalistas neoliberais balizadas pela globalização e era tecnológica. Diante desses novos e incertos modos de vida, a formação de professores para a contemporaneidade necessita exceder fundamentos da racionalidade técnica e a doutrina

exclusiva dos métodos. Isso não significa retirar a reflexão sobre os métodos da proposta de formação, mas, sobretudo, propor-lhes a crítica ao serem suplementados por outros processos, [...] que qualificam a boa formação de um professor de línguas, agente social e político, presente e atuante no mundo.

Além disso, com as novas tecnologias, novas competências são exigidas. Consequentemente, visa ser necessário oportunizar formações continuadas aos professores, que precisam estar inseridos nesse ambiente tecnológico, em que a tecnologia serve como mediador do processo ensino-aprendizagem. A sociedade do conhecimento exige um novo perfil de educador, e para isso é necessário um profissional que saiba agir em aula, dominando o seu conteúdo, mas também sendo apto a se adaptar as novas circunstâncias da atualidade.

Sendo assim, a educação do “futuro” precisa dominar a complexidade global, é precisando investir na junção dos conhecimentos, na multidimensionalidade e complexidade humana.

De acordo com Facchin e Salvati (2021), o professor do século XXI deve trabalhar para a humanização da humanidade, desenvolvendo a ética da solidariedade, empatia, compreensão, respeito à diversidade, promovendo a consciência antropológica da condição humana, e para tanto precisa promover o desenvolvimento da inteligência, que favorece o pensamento complexo, com um trabalho pedagógico de conteúdos interdisciplinares, contextualizados e globalizados.

Por conseguinte, o professor além de adquirir seu conhecimento científico na graduação, o mesmo também deve dar seguimento a sua formação contínua, mantendo-se atualizado e integrado às mudanças globais e profissionais a fim de estar preparado para atuar em uma sala de aula, com alunos totalmente globalizados e inserido no mundo das novas tecnologias.

3 AS LEIS QUE REGEM A FORMAÇÃO DOCENTE

Existem leis e diretrizes que regulamentam a formação do professor, no caso a LDB 9394/96 e DCN 492/2001, que designam estratégias, condições de trabalhos e qualidade profissional. Cada uma possui sua singularidade e especificidade, pois a LBD procura colocar toda a atenção para uma formação profissional competente e de

qualidade na educação básica brasileira, mostrando seus avanços na questão da formação docente. Já a DCN, direciona suas diretrizes na formação da atuação do professor na educação básica.

Na LDB, Leis de Diretrizes de Base, o artigo 41 se destaca dizendo:

Art. 43: A educação superior tem por finalidade: - I – estimar a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; II- formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; III- Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio que vive [...].

A formação do profissional de ensino deve valorizar uma performance ativa, reflexiva e continuada, pois a universidade deve motivar o acadêmico a fazer seu dever docente, mesmo encontrando obstáculos na sociedade. Outrossim, é nesse período que o aluno terá a oportunidade de realizar pesquisas científicas e aperfeiçoar seu conhecimento cultural com o apoio de mentores.

Na elaboração das DCN, Diretrizes Curriculares Nacionais, é importante salientar que elas foram elaboradas de maneira reflexiva das políticas educacionais, aspirando um trabalho por uma sociedade renovadora. Dentro desse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Letras objetiva: Formar profissionais interculturalmente competentes, capazes de lidar, de forma crítica, com as linguagens, especialmente a verbal, nos contextos orais e escritos, e conscientes de sua inserção na sociedade e das relações com o outro (DCN, 2001).

Por isso o curso de Letras tem a finalidade de capacitar aqueles que pretendem seguir a carreira de magistério, pois além de fornecer a habilidade e adequação em linguagem, em teorias literárias em didáticas e linguísticas existentes, ele também visa preparar o futuro professor para diferentes contextos sociais e fazer com o que o mesmo se torne autônomo em seus estudos, promovendo assim uma formação mais ativa e contínua.

4 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUAS

O primeiro contato que o docente tem com uma sala de aula, sendo ele o mediador, é ainda durante a graduação, mais especificamente em seus estágios. É nesse período que ele consegue vivenciar a experiência de ser o líder de uma turma, vivenciando e tendo contato com diversas realidades e acontecimentos, além de conseguir colocar em prática todo o conhecimento teórico adquirido nos anos anteriores. De acordo com Candau (2007, p.28) “formar o educador, a meu ver, seria criar condições para que o sujeito se prepare filosófica, científica, técnica e afetivamente para o tipo de ação que vai exercer”.

O estágio de Licenciatura em Letras assume um dos desafios da formação de professores, que é se preparar um futuro profissional capaz criar oportunidades de aprendizagem em contextos cultural e socialmente diversos. É nele que o futuro professor tem a oportunidade de estar inserido em uma sala de aula, observando e questionando o que lá acontece, permitindo com o que o mesmo aprenda analisar o papel de um professor na sala de aula, o seu próprio desempenho, como também o dos alunos. Cabe a ele ensinar ao futuro docente “compreender que não só as escolas, mas as salas de aula em que vão atuar são ricas, diversas e conflituosas” (PESSOA, 2019, p. 178).

Além de tudo, a Lei 11. 788/2008 em 25 de setembro de 2008, publicada no diário oficial da União que dispõe sobre o estágio no seu artigo 1º:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educando que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

O estágio supervisionado é uma atividade necessária, obrigatória e importante para a aquisição de experiência em um campo de carreira, ou seja, uma atividade que proporciona aos alunos uma experiência profissional específica, contribuindo para a formação e aquisição de práticas do mercado de trabalho, em especial para a sala de aula.

Para Basso; Jung e Rampazzo (2018, p.269),

Muitos são os desafios no processo de formação inicial e continuada nos cursos de Letras, e um dos grandes problemas que parece permear a graduação é que acabam sendo relegadas, muitas vezes para as disciplinas de Prática de Ensino e Estágio, as atividades direcionadas à formação docente.

Percebe-se que durante a formação de docentes e, especificamente, durante a realização do estágio supervisionado, muitos são os desafios enfrentados, sendo alguns deles, a falta de tempo para os alunos se preparem para as aulas que executarão no estágio, para pesquisarem e escreverem bons relatórios. Aliás, existe também a ansiedade presente nos acadêmicos, o que torna mais desafiadora a realização de suas obrigações junto a falta de apoio dos orientadores, que deixam de apoiar seus alunos e terem a empatia de compreender a situação individual de cada um.

É durante o estágio também que o estudante de Letras terá contato com a sala de aula e os alunos, e salvo os problemas anteriormente mencionados, vem também a ansiedade e a enorme expectativa dos alunos de escolas por receberem os estagiários e saírem da rotina muitas vezes considerada monótona por eles, o que influencia também no desempenho e aprendizado dos futuros docentes. Nesse contexto, há também alguns professores desmotivados e desacreditados com a profissão, que na primeira oportunidade desmotivam o estagiário, falando das suas angústias e decepção com a educação e outros mesmo aparentando cansaço, falam do orgulho e prazer de lecionar e da satisfação do fazer docente gostam do que fazem, mesmo com as dificuldades, afirmam que é a profissão que escolheram.

No entanto, esse encontro entre a teoria (os estagiários) e a prática (o exercício da profissão) nem sempre é amigável, pois os graduandos chegam à escola com os conhecimentos adquiridos na academia prontos para colocar em prática, organizados nos planos de aulas, no projeto de intervenção, nas orientações do professor orientador, conhecimentos adquiridos na academia ao longo do curso e a expectativa daquele momento (DIAS; SANTOS, V.S.; Santos, C., 2014).

Mesmo que hajam adversidades na formação de professores de línguas, em especial quando se trata de Estágio e Prática de Ensino, é importante pensar que é necessário que exista um consenso de que todas as disciplinas ministradas devem

estar relacionadas com a formação docente, com o objetivo em formar professores capazes ampliar seu modo de atuação, observar os diversificados contextos ao seu redor e com habilidade para tomada de decisões, assim afirma Giemenez (2005).

A formação de professores e todo o processo de aprendizagem a ela associada, faz parte de um processo de aprendizagem ininterrupto em que o professor está sempre em busca de novos conhecimentos, tornando-se um sujeito de formação contínua. Isso quer dizer que, não somente no estágio esse profissional desenvolverá as diversas habilidades necessárias para uma sala de aula, além disso, ele deve ir em busca de novos conhecimentos frequentemente, de uma maneira autônoma, a fim de melhorar seu desempenho em suas aulas.

O estágio não é apenas um lugar para observação, como também é um ambiente que envolve a pesquisa, pois trabalhando com esses dois aspectos juntos e em harmonia, o aluno/professor consegue observar a realidade da sala de aula, e desenvolver seu pensamento crítico e aprimorar seu conhecimento sobre sua disciplina e de como os alunos realmente aprendem e se desenvolvem. Para Garcez e Schulz (2015, p. 25),

Quanto mais se exige que a investigação esteja voltada para a resolução de problemas mediante trabalho investigativo conjunto em configurações variadas de especialistas acadêmicos e profissionais, mais demanda há para os olhares circunstanciados para ocorrências reais, particulares, mediadas por práticas de linguagem, de ações situadas ecologicamente, isto é, de etnografia da linguagem.

É necessário olhar o professor estagiário e orientador como sendo agentes sociais que atuam como gestores de recursos e saberes, sensíveis à percepção de necessidades de um grupo, bem como suas capacidades e dificuldades, conforme proposto por Kleiman (2005). O estágio exige do professor iniciante, motivação para suas práticas, deixando de lado exercícios rotineiros e, com isso, fazer valer suas ideias inovadoras a partir da etapa de observação até a atuação na etapa de regência.

Portanto o estágio passa a ser considerado uma formação contínua, pois o professor/aluno sairá da teoria e passará para a prática, e saberá como é a política educacional inserida e jamais poderá ver isso como suficiente, porque o mundo e contexto em que os alunos vivem estão sempre em evolução e mudança. Uma base

formada é extremamente necessária, para reflexões dos saberes formais e informais, como servidor da sociedade e a sua profissão, tornando o professor não somente um mero executor, pois sua formação ultrapassa os limites da titulação.

A formação contínua, quando levada como atitude de vida, tem como resultado uma paixão a mais pela profissão, onde o espaço de estágio, não somente reproduz o conhecimento, assim como tem possibilidade de transformar a sociedade, sendo o professor o agente responsável por tal ato.

O estágio tem a função de levar o professor-aluno a ter uma reflexão do cotidiano, com o convívio, situações adversas, testadas, aproveitadas, ou até mesmo com diversas experiências. Ademais, aprendem sobre o ambiente escolar, as tradições, organizações e convívios. Por sua vez, a formação contínua, leva da teoria uma iluminação à prática, assim como afirmam Pimenta e Lima (2004, p. 141), “contínuo é o homem e não o curso”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados, muito se sabe que o professor de línguas não tem mais a única função de passar o conteúdo a ser ensinado para o aluno, mas sim de mediar o seu conhecimento de uma maneira que faça o aluno se tornar o protagonista de seu aprendizado. Além de tudo, o próprio aprendiz está se tornando um ser cada vez mais autônomo, devido ao avanço das tecnologias e de uma sociedade globalizada. Consequentemente, o professor deve estar apto para lidar com alunos cada vez mais ansiosos por novidades, com um vasto conhecimento de diversos assuntos da contemporaneidade e totalmente cansados de metodologias antigas.

O profissional do ensino de línguas não apenas deve dominar a gramática da língua a ser ensinada, seja ela português ou inglês, bem como é preciso que ele possua uma ampla noção das atualidades, sejam elas de ensino ou da sociedade, a fim de que ele consiga suprir com a demanda e exigência agora presentes na sala de aula. Ademais, o docente deve carregar consigo a habilidade de se adaptar em diferentes contextos, pois, por mais que os alunos estejam se tornando cada vez mais

independentes, há outros que não possuem acesso a quase nenhum tipo de informação fora do ambiente escolar. Sendo assim, é crucial que esse profissional seja empático e preparado para lidar com os diversos alunos e situações.

Com o propósito do professor possuir todas essas habilidades mencionadas anteriormente no decorrer deste artigo, é necessário que certos conhecimentos sejam fornecidos durante sua formação, ainda na universidade. É ela que deve incentivar seus acadêmicos a produzirem pesquisas, ampliar seu conhecimento cultural e vivenciar experiências em sala de aula antes mesmo de irem para o mercado de trabalho. Isso para que quando esse profissional entre em uma sala de aula como o docente e não mais como um estagiário, ele esteja preparado para lidar com os variados acontecimentos que podem ocorrer nesse ambiente e que seja capaz de transferir seu conhecimento de uma maneira ativa, eficaz e cativante.

Porém não é o que é realmente vivenciado em muitas universidades. Continua havendo vestígios de mentores que passam para os futuros professores apenas o conteúdo referente a cada disciplina, sem incentivá-lo a ir em busca de mais conhecimento, fazer pesquisas científicas e se tornar um profissional que vise sempre em aprender mais e estar antenado às atualidades, desenvolvendo uma formação contínua, pois já se sabe que a formação de um professor jamais se encerra na graduação.

Com o intuito de que as academias busquem proporcionar ao futuro profissional de línguas um decente ensino, há leis que dizem o que e como trabalhar com esses aprendizes. Essas leis, defendem a ideia da formação de professores preparados para variados contextos, atualizados, empáticos e claro, que dominem sua disciplina.

Outro aspecto importante na formação do professor de línguas é o estágio. É neste momento que o acadêmico sai do teórico e passa para a prática, colocando todo aquele conhecimento adquirido nos primeiros anos de formação em atuação. É um período crucial na preparação do profissional de ensino, pois é somente aí que ele consegue ter contato com uma sala de aula e alunos. Todavia, em diversas situações, os acadêmicos se sentem desmotivados e sobrecarregados durante o estágio, pela falta de suporte de seus mentores e até mesmo pelos discursos negativos vindos de professores já formados. Para que o estágio realmente aconteça como deve

acontecer e cause um impacto positivo nos alunos de Letras, é interessante que esses alunos consigam experimentar um pouco dessa experiência durante toda a formação, de uma maneira que ele veja a prática presente e sinta o que é estar em uma sala de aula e se motive a continuar.

A formação de professores está a caminho e em busca de novas metodologias de formar esses futuros profissionais, no entanto há muitos empecilhos a serem melhorados, sejam eles por parte das academias e universidades, dos professores e até mesmo dos próprios acadêmicos. Assim como a formação do professor dever ser sempre contínua, os campuses que preparam esses profissionais devem igualmente se mantarem atualizados sobre as expectativas do mercado, conseguindo sempre renovar sua maneira de preparar seus alunos e acompanhar as expectativas vindas internamente ou externamente.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Rodrigo Camargo; BORBA, Marília dos Santos. **Multiletramentos: novos desafios e práticas de linguagem na formação de professores de inglês**. Polifonia, Cuiabá, MT, v.19, n.25, p.223-240, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB** – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental** – Língua Portuguesa, Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **A Didática em questão**; 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1988. Disponível em: <https://pedagogiafadba.files.wordpress.com/2013/08/a-didc3a1tica-em-questc3a3o.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.

Cadilhe, A. J., & Leroy, H. R. (2020). **Formação de professores de língua e decolonialidade: o estágio supervisionado como espaço de (re) existências**. Calidoscópio, 18(2), 250–270. <https://doi.org/10.4013/cld.2020.182.01>. Acesso em: 05 jun. 2022.

COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. **Práticas de letramento crítico na formação de professores de línguas estrangeiras**. Revista Brasileira de

Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v. 12, n. 4, p. 911-932, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/3hW8sPrThFLdPWXwS4kKDNH/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

DIAS, Alfrancio Ferreira; SANTOS, Cristiane; SANTOS, Vêronica Silva. **Dilemas e desafios do estágio supervisionado na graduação**. VI Colóquio Internacional. São Cristóvão, 2012. p. 1-12. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10181/57/56.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

FACCHIN, P. C.; SALVATI, M. L. **Formações de professores e ensino: Reflexões sobre a prática pedagógica**. 1.ed. Cascavel: Ação, 2021. p. 9-19.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FURLAN, C. J. K.; LACERDA, V. V. **Formação inicial de professores de inglês: educação linguística, tecnologias e práticas (des)contextualizadas**. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 14, n. 29, p. 543-564, 2020. Disponível em: [FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE INGLÊS | Revista \(Con\)Textos Linguísticos \(ufes.br\)](https://www.ufes.br/revista-contextos-linguisticos/index.php/concontextos/article/view/1018). Acesso em: 18 abr. 2022.

GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. **Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil**. Delta, v. 31, especial, p. 1-34, 2015.

GATTI, Bernardete Angelina. **Formar professores: velhos problemas e as demandas contemporâneas**. Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade. Salvador, v. 12, n. 20, p. 473-477, jul./dez., 2003.

GIMENEZ, T. **Desafios contemporâneos na formação de professores de línguas: Contribuições da linguística aplicada**. In: FREIRE, M.; ABRAHÃO, M. H., BARCELOS, A. M. (Org.). Linguística Aplicada e Contemporaneidade. São Paulo: ALAB, 2005. p. 183-201.

IALAGO, A. M.; DURAN, M. C. G. **Formação de professores de inglês no Brasil**. Revista Diálogo Educacional, v. 8, n. 23, p. 55-70, 2008. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3967/3883>. Acesso em: 13 jun. 2022.

JUNG, N. M. Vestibular no contexto da formação docente. In: HARMUCH, R. A.; SALEH, P. B. de O. (orgs.). **Estudos da linguagem e formação docente: desafios contemporâneos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 43-54.

LEFFA, Vilson J. Língua estrangeira. **Ensino e aprendizagem**. - Pelotas: EDUCAT, 2016. p. 72-90. Disponível em: [00LinguaEstrangeira.pmd \(leffa.pro.br\)](https://www.leffa.pro.br/00LinguaEstrangeira.pmd). Acesso em: 18 abr. 2022.

LIMA, Diógenes Cândido de.; SANTOS, Keila Mendes dos. **A Formação do Professor de Língua Inglesa no Cenário Brasileiro: Crenças e Experiências como Fatores de (Trans)Formação da Prática Pedagógica.** Londrina. Signum, 2011. p. 553-558. Disponível em: [Signum 14.1.pmd \(semanticsscholar.org\)](http://Signum.14.1.pmd(semanticsscholar.org)). Acesso em: 18 abr. 2022.

KLEIMAN, A.; ASSIS, J. A. (Orgs.). **Significados e ressignificações do letramento:** desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

OLIVEIRA, Frank de. **Formação crítica de professores de línguas: Uma proposta emancipatória e política.** Revista Escrita, Rio de Janeiro, 2014. p. 31-47. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23759/23759.PDF>. Acesso em: 20 jun. 2022.

PESSOA, R.R. 2019. **Formação de professores/as em tempos críticos:** reflexões sobre colonialidades e busca por um pensar decolonial. In: W. SILVA; W. SILVA; D. CAMPOS (org.), Desafios da formação de professores na linguística aplicada. Campinas, SP, Pontes, p. 173-186.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucema. O estágio como possibilidade de formação contínua. **Estágio e Docência.** p.130-160. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

RAMPAZZO, G. C. C. **Práticas de Letramento acadêmico de alunos do curso de Letras de uma universidade pública paranaense,** 2018. 138 f. Dissertação 280 v. 8 (3) 264-280 out-dez 2018 Letramento acadêmico... (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/1266/549>. Acesso em: 20 mai. 2022.